



INSTITUTO FEDERAL
Espírito Santo
Campus Vitória



PROFLETRAS



JOGO dos CUTROS

Cleidson Frisso Braz
Antônio Carlos Gomes

Cleidson Frisso Braz
Antônio Carlos Gomes



GUIA DIDÁTICO

1ª Edição

Vitória

Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia do Espírito Santo

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

B8263 Braz, Cleidson Frisso.

Guia didático: jogo dos outros [e-book] / Cleidson Frisso Braz, Antônio Carlos Gomes. – 2020.
56 f. : il. ; pdf.

Produto Educacional (Pós-Graduação Stricto Sensu) Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória – 2019.

ISBN: 978-85-8263-418-9

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental) – Estudo e ensino. 2. Minorias – Educação. 3. Igualdade na educação. 4. Ensino Fundamental – Minorias. 5. Educação – Aspectos sociais – Minorias. I. Gomes, Antônio Carlos. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD: 469.07

Copyright © 2019 by Instituto Federal do Espírito Santo
Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº. 1.825 de 20 de dezembro de 1907. O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

Material didático público para livre reprodução.
Material bibliográfico eletrônico. Realização



INSTITUTO FEDERAL

Espírito Santo
Campus Vitória



PROFLETRAS

EDITORA DO IFES

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do
Espírito Santo
Pró-Reitoria de Extensão e Produção
Av. Rio Branco, 50, Santa Lúcia
Vitória – Espírito Santo – CEP 29056-255
Tel.: (27) 3227-5564
E-mail: editoraifes@ifes.edu.br

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS PROFLETRAS

Av. Vitória, 1729 – Jucutuquara
Vitória – Espírito Santo – CEP 29040-780

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dr. Antônio Carlos Gomes
Dr. Andréia Penha Delmaschio
Dr. Leonardo Bis dos Santos

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Natália Mendes Ferreira

EDITORAÇÃO

Cleidson Frisso Braz

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO

Programa PROFLETRAS / IFES



INSTITUTO FEDERAL
Espírito Santo
Campus Vitória



PROFLETRAS

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

JADIR JOSÉ PELA

Reitor

ANDRÉ ROMERO DA SILVA

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

RENATO TANNURE ROTTA DE ALMEIDA

Pró-Reitor de Extensão

ADRIANA PIONTTKOVSKY BARCELLOS

Pró-Reitora de Ensino

LEZI JOSÉ FERREIRA

Pró-Reitor de Administração e Orçamento

LUCIANO DE OLIVEIRA TOLEDO

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

IFES - CAMPUS VITÓRIA

HUDSON LUIZ COGO

Diretor Geral

MÁRCIO ALMEIDA CÓ

Diretor de Ensino

CHRISTIAN MARIANI

Diretor de Extensão

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI

Diretora de Administração

MÁRCIA REGINA PEREIRA LIMA

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

ANTÔNIO CARLOS GOMES

Coordenador do Profletras

APRESENTAÇÃO

O Jogo dos Outros é o resultado de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras (Profletras), do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Vitória, que tem como objetivo apresentar uma possibilidade de expressão de minorias sociais (mulheres, negros e negras, homossexuais e moradores e moradoras do campo) nas aulas de Língua Portuguesa. Durante os anos de pesquisa, buscamos estabelecer um diálogo entre o ensino da língua, numa perspectiva epilinguística (Culioli, 1980) e criativa da linguagem (Franchi, 2016), em favor de uma abordagem plural e democrática, cujas

minorias são defendidas nas discussões em sala de aula, já que muitas delas são invisibilizadas ou mesmo estereotipadas pelo livro didático e por outras formas de anulação de sua importância. Numa tentativa de proporcionar um ensino ancorado nos princípios da diversidade, propomos que o Jogo dos Outros seja explorado em sala de aula com alunos e alunas do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e salientamos a importância de se cumprirem todas as etapas da atividade: o diagnóstico, a predição, o jogo e o registro final.



OS AUTORES



Cleidson Frisso Braz

Professor de Língua Portuguesa dos municípios de Anchieta e Itapemirim, no Espírito Santo, coordena a Formação Continuada do Magistério e o Fórum Municipal de Educação em Itapemirim, onde atualmente é coordenador do Polo da Universidade Aberta do Brasil. Graduado em Letras/Literatura pelo Centro Universitário Camilo - ES, possui especialização lato sensu em Língua Portuguesa, Literatura e Gestão Escolar. Tem experiência profissional no Ensino Médio e Fundamental, atuando também como formador, corretor de redações do ENEM e coordenador da produção da proposta pedagógica do município de Itapemirim. Pesquisador da relação entre minorias sociais e a língua/linguagem, propõe um ensino em que seja possível que as vozes minoritárias, muitas vezes silenciadas na escola, sejam evidenciadas por meio de um trabalho criativo, plural e dinâmico (FRANCHI, 2016).



Antônio Carlos Gomes

Graduado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Mestre e Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professor titular do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES, onde atua no Ensino Médio, na Graduação e na Pós-Graduação. Docente permanente do Mestrado Profissional em Humanidades e do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, também coordena o curso de Letras a distância e é coordenador do Mestrado Profletras. Pesquisador da teoria epilinguística (CULIOLI, 1980), com vários artigos dedicados a esta área, busca apresentar como a linguagem se manifesta nas relações dos sujeitos e de que forma somos influenciadas por conceitos estruturalistas e psicossociais.



SUMÁRIO

1. QUEM SÃO? QUEM SOMOS?	8
1.1 HOMOSSEXUAIS	9
1.2 MULHERES	11
1.3 NEGROS E NEGRAS	12
1.4 MORADORES E MORADORAS DO CAMPO	13
2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS	15
2.1 MINORIAS SOCIAIS	15
2.1.1 HEGEMONIA	16
2.2 CONFLITO	16
2.2.1 LÍDER	16
2.2.2 CONTRA-HEGEMONIA	17
2.2.3 EPILINGUISTO E CRIATIVIDADE	17
2.3 MINORIAS SOCIAIS ATIVAS	18
2.3.1 DIVERSIDADE	19
2.3.2 A EXPERIÊNCIA	19
3. GUIA DE ATIVIDADES	21
3.1 PREDIÇÃO	22
3.1.1 PRODUÇÃO DE TEXTO DIAGNÓSTICA	22
3.1.2 AULA INTERATIVA	23
3.2 O JOGO DOS OUTROS	24
3.2.1 TABULEIRO	
3.2.2 PINOS	
3.2.3 DADO	
3.2.4 CARTAS	
3.2.5 CORINGAS	
3.2.6 REGRAS DO JOGO	
3.2.7 MANUAL DO LÍDER	
3.3 PRODUÇÃO DE TEXTO FINAL	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5. REFERÊNCIAS	27
6. ANEXOS	
6.1 ANEXO 1 – PRODUÇÃO DE TEXTO DIAGNÓSTICA	
6.2 ANEXO 2 – MANUAL DO LÍDER	
A) CARTAS DO JOGO	
B) CORINGAS	
6.3 ANEXO 3 – PRODUÇÃO DE TEXTO FINAL	

1. QUEM SÃO? QUEM SOMOS?



Imagens do google

Ao contrário do que o senso comum imagina, ser minoria no Brasil é uma condição quase comum a todos e todas, pois quando conceituamos minoria não nos referimos, de fato, a quantidade numérica, estamos abordando um ponto de vista de poder e seu desnivelamento. Moscovici (2011) nos faz crer que “quando falamos de “minorias”, não fazemos referência ao número (as minorias são, às vezes, do ponto de vista demográfico, tão importantes quanto a maioria), mas à desigualdade na distribuição do poder, à lógica da dominação” (MOSCOVICI, 2011, p. 21). Ou seja, somos muitos, enquanto professores e professoras que lutam por melhores condições de trabalho e salários justos; como mulheres que reivindicam igualdade de direitos entre os gêneros; como negros e negras que requerem espaço para representação de sua capacidade; como homossexuais que lutam pelo respeito à sua existência, diferença e a não-violência; como moradores e moradoras do campo estigmatizados em muitas esferas da sociedade que os reduz a ignorantes; como deficientes físicos esquecidos pelo poder público; como idosos desassistidos na garantia de seus direitos básicos como saúde e moradia; enfim, esse breve panora-

ma já nos apresenta que numericamente somos maioria, num país que se mostra tão desigual; mas, apesar disso, ainda somos minoria, pois, ainda vivemos em uma sociedade que privilegia os poucos, em sua maioria brancos, ricos e heterossexuais. Esse jogo, muito mais do que uma proposta com função lúdica, potencializa a experiência (BENJAMIM, 1928) e procura evidenciar a voz desses sujeitos na escola, cujo recorte são aqueles grupos sociais minoritários encontrados no espaço pesquisado: **homossexuais, mulheres, negros e negras e moradores e moradoras do campo**. Esperamos, com essa atividade, contribuir com a criação de uma sociedade mais solidária, onde os outros sejam observados como identidades enriquecedoras de nossas práticas sociais, crendo, como afirmou Moita Lopes (2006, apud MARKOVA 1990, p. 90), que “o indivíduo se torna consciente de si quando se permite conscientizar-se da existência do outro”. Dessa maneira, queremos que os alunos e alunas se reconheçam, se identifiquem, respeitem os diferentes sujeitos que estão na escola e fortaleçam, assim, a construção de uma sociedade mais solidária.

1.1 HOMOSSEXUAIS

Temos um problema em minha escola: um garoto afeminado demais, com muitos trejeitos. É ótimo dançarino! Apanha sempre dos colegas, e todos os professores riem dele. Eu já lhe disse: “Tu és gay mesmo, tudo bem, eu respeito, mas para de desmunhecar, pois estás atraindo a ira dos outros sobre ti.” Já mandei chamar a mãe dele. Ele está com 6 anos agora. Que fiz com os outros? Fazer o quê?

Relato de Coordenadora Pedagógica

Nas festas da pré-escola, a gente costuma distribuir balões coloridos. Esse ano, um dos meninos de 5 anos ficou com o último. Ele não queria porque era rosa. Ficou tenso e não brincava. A quem passava perto dele ele se explicava: “Não fui eu que escolhi esse balão. Eu sou homem”. Depois entendi que estava com medo que o pai o visse com aquele balão. Levei o caso para a coordenadora. Ela disse para não fazermos balões rosas nas turmas em que temos meninos.

Relato de Professora

Os dois relatos acima estão presentes na primeira página do artigo “Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar”, de Rogério Diniz Junqueira. O autor nos apresenta duas histórias muito comuns nas escolas brasileiras, onde crianças são observadas do ponto de vista do errado, do controle e da repressão de sua identidade, ou

mesmo incitadas a adotar uma postura homofóbica. A sociedade moderna tende a considerar o comportamento homossexual um risco à heteronormatividade e, historicamente, a escola brasileira tem reproduzido esse discurso por meio do livro didático e através de inúmeras ações afirmativas de preconceito, falas e posturas, onde se reafirmam os padrões fun-

dantes de uma sociedade que observa o homossexual como anormal e necessitado de controle, vigilância e punição para a manutenção do poder dominante (FOUCAULT, 1987). Nesse sentido, a homossexualidade passa a ser vista como exemplo mal concebido de uma (não) ética que entende a sua existência como uma referência do que é errado, maldito, herege e, principalmente, um risco a manutenção do poder, que por sua vez, é branco, heterossexual, masculino, física e mentalmente normal (JUNQUEIRA, 2012, p. 66). O homossexual tem se tornado símbolo das falhas representada naquele que carrega o mal de corromper e influenciar os demais para a mesma prática do seu

mal. Tocados e contrários a esse pensamento, a atividade proposta nesse jogo vem apresentar uma possibilidade de reflexão sobre a homossexualidade no contexto escolar, buscando ainda visibilizar esses meninos, meninas, homens, mulheres e afins, em suas formas de expressão, cultura e identidade. Um espaço onde não há problema em ser homossexual; a anormalidade está no preconceito que combatemos e abominamos, passando a olhar a alteridade e a diversidade como um fenômeno necessário para uma escola que se pretende formadora de sujeitos capazes de conviver com as diferenças e respeitar todas as formas de existência.

1.2 MULHERES



Foto: freepik

No Brasil, milhares de mulheres são mortas e sofrem diferentes formas de abuso devido a condição de seu gênero. Isso é o que chamamos de misoginia, que quando é levada ao crime denominamos feminicídio. De acordo com a Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social do Espírito Santo, somos o estado da região sudeste que mais mata mulheres, ocupando o terceiro lugar no Brasil. Esse dado alarmante encontra força nos discursos e cenários que se apresentam na nossa sociedade, em especial, na escola. Comumente, as meninas são tratadas como frágeis, dóceis e inferiores aos homens, seja na forma de se vestir, comportar-se, brincar ou falar. Consciente ou inconscientemente, essas ações constroem o estereótipo da mulher inferior e submissa. Muitos professores e professoras ainda reprimem a condição da menina que não quer brincar de casinha nas aulas da educação infantil ou escolhem fantasias diferentes daqueles que não as de princesas, assim se constrói socialmente o ide-

al da mulher recatada e que recalca formas de expressão diferentes das esperadas pela sociedade machista, como bem se percebe no livro didático e em diferentes práticas escolares. No plano da linguagem, expressões como “mulherzinha” e “essa vai dar trabalho pro pai” são ditas como xingamento ou para incutir na mulher o não-pudor de uma existência forjada para a feminilidade. Todas essas estratégias, maniqueísmos e sutilezas são trazidos para a pauta no Jogo dos Outros e observados do ponto de vista do conflito, da contra palavra e da possibilidade de perverter essa ordem machista, possibilitando às mulheres que se percebam como sujeitas-donas-de-suas-vidas. Assim, propomos uma crítica sobre enunciados que colocam a mulher em posição de inferioridade ou vítimas de preconceito, reforçando a discussão sobre a importância de diferentes personalidades femininas, bem como a reformulação de frases misóginas no contexto escolar.

1.3 NEGROS E NEGRAS

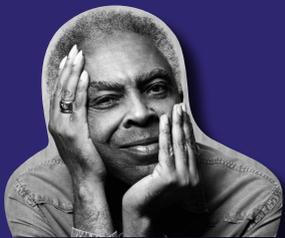


Foto: <http://transamerica93.com.br/transamerica93/2017/11/24/gilberto-gil-sera-homenageado-pela-uniao-brasileira-de-compositores/>

Branco, se você soubesse o valor que o preto tem. Tu tomava um banho de piche, branco e, ficava preto também.

Gilberto Gil

É inegável o passado trágico que a sociedade brasileira carrega e carregará devido a séculos de escravidão e preconceito. Esses resquícios se alastram pelo país, como observamos nos dados do IBGE (2010), os quais mostram que a população declaradamente preta e parda tem menos escolaridade e um rendimento médio equivalente à metade do recebido pela população branca. Não bastasse isso, negros e negras ocupam posições inferiores de trabalho, seja no setor público ou privado. A palavra coitadismo, que tomou destaque neste ano, perde força e sentido se observarmos esses e outros dados que atestam que a população negra não possui condições iguais de acesso aos bens públicos de direito, como saúde, educação, saneamento e cultura.

Herança de um passado não tanto glorioso, negros e negras ainda passam por constrangimentos diários que os segregam, difamam e matam, como observamos em ditados populares, frases coletivamente aceitas pela maioria da sociedade, músicas e inúmeras outras formas de preconceito que buscam anular, no negro, a condição de produtor de uma cultura de valor.

Na escola, a população negra ainda é refém de políticas de valorização da branquitude, reforçadas pelo livro didático e enaltecidas pelos currículos, que

ainda não conseguem pensar em ações pedagógicas afirmativas além de datas comemorativas, como o dia da consciência negra. Essa falsa impressão de representatividade, não perverte a ordem hegemônica e os negros e negras continuam sendo os que mais evadem e reprovam, os que mais entram para a criminalidade e os que recebem a culpa através de um pensamento fatalístico que diz: não estudou porque não quis.

Buscando propor um trabalho de valorização da cultura negra e a subversão dessa ordem de controle branco, observando ainda a negritude como característica de nossa cultura e, por isso, merece todo mérito, respeito e valor, e apresentamos essa minoria no Jogo dos Outros ao propormos um destaque a personalidades negras na história da humanidade e a discussão, reformulação e negação de enunciados preconceituosos e racistas enraizados em nossa cultura e que, muitas vezes, não são observados através desta perspectiva. Esperamos, desvelar essas expressões racistas e trazer à tona o significado problemático que as envolvem, propondo que elas sejam excluídas do cotidiano escolar para dar espaço a pensamentos solidários, plurais e conscientes. Acreditamos assim, que os (as) estudantes reconheçam a si e ao outro, atribuindo-lhe(s) característica de valor e respeite todas as formas de identidade, cultura e existência.

1.4 MORADORES E MORADORAS DO CAMPO

O caipira vai a uma consulta e o médico pergunta:

- O que o senhor tem?

O caipira responde:

- Uma muié, uma vaca e uma galinha...

- Não é isso... O que o senhor está sentindo?

- Ah, tá! Vontade de largá a muié, vendê a vaca e comê a galinha com quiabo!

Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/516084438532682898/>

Ao pensar em um morador ou moradora do campo, muitos os imaginam vestidos com trapos, fala estigmatizada com desvios da língua padrão e até mesmo o dente pintado de preto. Você mesmo, provavelmente riu da piada acima, mas será que um morador, moradora, aluno ou aluna do campo iria ter a mesma reação? Esta imagem, construída no inconsciente coletivo não se apaga facilmente, mesmo porque ela se repete diariamente na mídia e em espaços como a escola, que ratifica o preconceito contra o morador e a moradora do campo, seja no comportamento de muitos alunos e alunas, seja nos apelidos maldosos, ou até mesmo através do livro didático, que trata o caipira como um sujeito marginalizado, personagens como Chico Bento, Jeca Tatu e Zé Pequeno e Xaxado, que avigoram o estereótipo do morador do campo, principalmente o nordestino, como o sujeito que naturalmente é ignorante e preguiçoso.

O campo é responsável por 1/5 do Produto Interno Bruto do Brasil

(IBGE, 2017), esse índice se eleva no município de Itapemirim, que possui uma área rural muito extensa, interligada por estradas vicinais e rodovias, cujas comunidades rurais compõem o cerco distrital do município, tendo como característica principal o cultivo da cana de açúcar, o café, o milho, a mandioca, a banana e a criação de bovinos, suínos, equinos, aves e a produção leiteira. Dados do monitoramento e avaliação do Plano Municipal de Educação (PME, 2016), indicam que, no interior de Itapemirim, vamos nos deparar também, com a indústria de rochas ornamentais, olarias e a Usina Paineiras, conceituada produtora de álcool, açúcar e etanol. Destacamos também o agro turismo como grande colaborador da economia itapemiricense, com destaque para as montanhas do Frade e a Freira e o Monte Aghá, bem como a Ilha dos Franceses, praias e lagoas. Parece, portanto, inegável a importância do campo no cenário da escola pesquisada, contudo seus moradores e moradoras ainda sofrem preconceitos em detrimento de suas especificidades, que tentam

anular a importância desses sujeitos para a economia, a cultura e para o enriquecimento das relações sociais que se dão na esteira da diversidade, que vê no “outro diferente de mim” uma característica da minha identidade formadora. O Jogo dos Outros traz essa minoria para a pauta da discussão e apresenta aos (às) participantes a possibilidade de desmitificar conceitos pré-estabelecidos e observar os moradores e moradoras do campo

como importantes agentes sociais na construção de uma sociedade mais solidária. Para tanto, apresentamos personalidades que se destacam no cenário nacional e que moraram (ou moram) no campo e confrontamos as expressões preconceituosas que reforçam o estereótipo do caipira, convidando alunos e alunas a repensar enunciados preconceituosos e mudar a sua postura diante da diversidade.

2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Com o objetivo de elevar o discurso da diversidade a favor de um pensamento solidário, o Jogo dos Outros oferece um viés sociológico e histórico, em que diferentes personalidades são apresentadas aos alunos e alunas como exemplos de minorias em diversos contextos, tentando fazê-los (las) perceber que esses sujeitos estão, e sempre estiveram, presentes na história da humanidade. Possibilitamos também a discussão e refei-

tura de enunciados corriqueiros no cotidiano escolar e que, de uma forma ou de outra, atingem, ofendem e dificultam ações mais solidárias. Sendo assim, sugerimos, para a prática do jogo, a reformulação desses enunciados por meio de atividades epilinguísticas que envolvem criatividade e atividade coletiva. É preciso, pois, revisitar conceitos que fundamentam a produção deste jogo e que estão exemplificados no esquema a seguir:



2.1 MINORIAS SOCIAIS

De acordo com Moscovici (2011, p. 14), "a maioria goza do privilégio da verdade e da norma, e expressa o sistema social em seu conjunto. Correlativamente, o ponto de vista da minoria [...] é considerado produto do erro e do desvio". Nesse sentido, podemos afirmar que as minorias são marginalizadas quando são percebidas numa ótica que as vê como grupos sociais que não compartilham dos mesmos direitos da maioria, sendo vistas como desviantes e um risco à manutenção

do controle social hegemônico. Nessa perspectiva moscoviciano, negros e negras, homossexuais, mulheres e moradores e moradoras do campo são minorias marginalizadas pelas formas de controle social impostas a elas, que dificultam sua participação na sociedade, gerando assim racismo, misoginia, homofobia, machismo e outros preconceitos que buscam anular o poder dessas minorias e torná-las cada vez mais marginalizadas.

2.1.1 HEGEMONIA

A hegemonia, por sua vez, “é o conjunto das funções de domínio e direção da classe dominante” (MOSCOVITCH, 1988, p. 20), percebida nas relações do dia a dia, em que o controle social é reafirmado para a manutenção do poder. Essa concepção, discutida profundamente por Gramsci (1966), nos leva a refletir so-

bre o pensamento de senso comum em que reside, muitas vezes, os preconceitos mais estruturantes da sociedade, pois eles se fundamentam em ideologias dominantes, principalmente da igreja, buscando aniquilar o pensamento contraditório, que reside nas minorias em prol da manutenção do controle social e econômico.

2.2 CONFLITO

Uma alternativa apresentada por Moscovici (2011) para a ruptura da hegemonia e, conseqüentemente, a desestruturação das formas de controle e poder é o conflito. De acordo com o autor este é o ponto crucial para a mudança do comportamento, sendo necessário um desequilíbrio e uma crítica sobre o “estado das coisas” (MOSCOVICI, 2011, p. 104) para que, dessa maneira, o conflito gere incerteza sobre pensamento hegemônico e culmine numa postura mais solidária às minorias. Por isso, o Jogo

dos Outros discute e aciona elementos de conflito em todas as atividades que colocam em questão a importância das minorias (mulheres, negros e negras, homossexuais e moradores e moradoras do campo), ora com uma imagem, ora com uma expressão; para que, através do diálogo, a incerteza gerada pelas relações estabelecidas pela sociedade possam ser criticadas e repensadas na tentativa de que os alunos e alunas se tornem sujeitos críticos e sensíveis à causa da diversidade.

2.2.1 LÍDER

Nesse processo de ruptura das formas hegemônicas e buscando um pensamento ancorado das práticas sociais solidárias, o líder do jogo tem um papel fundamental, pois ele terá o poder de exercer sua influência sobre os demais. Moscovici (2011) nos alerta que quando os indivíduos se veem inseguros “são obrigados a recorrer a

outros indivíduos para julgar e validar seus próprios juízos” (p. 24); por isso é extremamente importante que o professor e a professora estejam engajados a vivenciar e intermediar a prática do jogo, para que possam conduzir os alunos e alunas a pensamentos críticos e não incorrer de perpetuar o poder já adquirido pela maioria. O papel

do professor e da professora não se insere numa perspectiva responsiva às questões dos alunos e das alunas, mas sim de mediar os conflitos deles e delas, pois se conformam com as ideias estabelecidas pela cultura hegemônica, não é porque não possam superar a verdade, mas sim “porque julgam que a diversidade é inconcebível e que deve haver apenas uma única resposta à realidade objetiva” (MOSCOVICI, 2011, p. 38).

Gramsci (1966) atribuiu destaque à função do intelectual orgânico, sobre o qual podemos criar um paralelo com o papel do líder defendido por Moscovici (2011). Segundo Gramsci (1966) os intelectuais orgânicos “são

aqueles que difundem a concepção de mundo revolucionária entre as classes subalternas” (MOCHCOVITCH, 1988, p. 18) e podem, através do esforço, da repetição e da luta de classes romper com estruturas hegemônicas e elevar o discurso da diversidade. Sobre essas reflexões, abrigam nossa proposta de trabalho com o Jogo dos Outros, pois acionamos elementos conflitantes nas relações harmonizadas pela hegemonia e propomos uma contra-hegemonia, reforçada pela importância do líder/intelectual orgânico nessa construção, tendo a figura do professor e da professora como esses sujeitos essenciais para que esta ação de fato aconteça.

2.2.2 CONTRA-HEGEMONIA

O que até aqui se pensou desemboca nesse conceito norteador e extremamente importante para nossa pesquisa, pois ele exemplifica toda a ação do Jogo dos Outros: a contra-hegemonia. A reflexão sobre as relações de poder dominante, o sufocamento das minorias, a marginalização que as mesmas sofrem devido a posturas intolerantes, a luta das classes através do líder/intelectual orgânico, todas essas concepções firmam a respon-

sabilidade deste trabalho em buscar romper com padrões que observam as minorias num viés castrador de suas formas identitárias. Assim, queremos, através do contrassenso e da contra-palavra, possibilitar que as minorias sociais tenham suas vozes ouvidas e respeitadas, e mais, perverter a ordem hegemônica, primando por um sujeito crítico, consciente e solidário.

2.2.3 EPILINGUISMO E CRIATIVIDADE

Após a leitura dos conceitos até aqui apresentados, o leitor e a leitora podem se perguntar: como é possível propor um trabalho que trate,

ao mesmo tempo, de diversidade e linguagem? E a resposta logo se encontra quase que redundante à pergunta: só é possível um trabalho que

trate a diversidade no plano da linguagem, pois a palavra, os enunciados, a oralidade e todas as formas de expressão que se avigoram na esteira da linguagem reforçam, criam e recriam conceitos. Por isso, esse jogo se serve da Língua Portuguesa, em toda sua concepção interativa, para realizar uma atividade de reformulação, reestruturação e desambiguação de enunciados e expressões, por meio da atividade epilinguística.

Por muito tempo, os estudos sobre gramática, principalmente a normativa, vêm sendo privilegiados como se fossem suficientes para compreensão da língua, sua estrutura, regras e as interrelações com o discurso. Porém, a partir das descrições funcionalistas, principalmente das contribuições de Benveniste (1976), Culioli (1980), Franchi (2016) entre outros, os estudos sobre a língua passaram a considerar uma indissociabilidade entre o sujeito, sua forma de processamento do pensamento e criatividade, repercutidas diretamente na atividade enunciativa. É extremamente necessário que se perceba que os enunciadore, ao utilizarem a língua, o fazem de uma maneira intencional e psicossocialmente comprometidos com o significado. Isso se dá por meio de ancoragem e de desestabilização

de noções, cujas operações enunciativas colocam o aluno e a aluna como coautores de suas práticas, vendo-os como sujeitos agentes da ação de aprendizagem, uma vez que colaboram constantemente no processo de seleção, construção, desconstrução, modulação e referenciação de suas atividades linguísticas. Nessas operações, a língua não é observada a partir de uma vertente classificatória de esquemas preconcebidos de sintaxe, morfologia e até mesmo semântico, mas sim da ambiguidade coexistente nesse aparato abstrato, em que tudo é ambíguo e dependerá do trabalho criativo para atribuir sentido ao que se diz, ouve, escreve ou lê.

Em linhas gerais, a atividade epilinguística prevê a manipulação da linguagem, a substituição e observação do comportamento das palavras mediante essas mudanças. No Jogo dos Outros, propomos que esse trabalho seja feito para retificar expressões preconceituosas que em nada contribuem para a diversidade. Dessa maneira, os alunos e alunas podem se perceber como autores e coautores de suas produções enunciativas e, a partir dessa consciência, repensar a forma de entender o outro e a si mesmo.

2.3 MINORIAS SOCIAIS ATIVAS

Esse conceito é inaugurado por Moscovici (2011) após realizar inúmeros estudos bibliográficos e empíricos sobre como a maioria reage diante das minorias que geram conflito e

incerteza. De certo, a complexidade dessa teoria e de outras abordadas aqui não se resumem nas poucas linhas que traçamos, contudo é preciso considerar um dado da pesquisa

moscoviana e que esse jogo reafirma: as minorias, organizadamente e empoderadas, podem perverter a ordem hegemônica e passar a assu-

mir influência sobre a maioria, neste momento elas abandonam sua situação de marginalizadas passando a ser minorias ativas.

2.3.1 DIVERSIDADE

Para que as minorias possam superar sua condição de marginalizadas e exercer seu papel ativo na sociedade é necessário aliar-se ao discurso da diversidade, que as entende como grupos fundamentais para a construção de uma sociedade que percebe a diferença como um fenômeno enriquecedor das relações sociais. Dessa maneira, as atividades propostas pelo Jogo dos Outros encontram força na matriz transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e na produção de uma aula plural e fincada nos preceitos do multiculturalismo e da diversidade (MC LAREN, 2010). A aula de Língua Portuguesa, nesse aspecto, se integra à noção de currículo como ação, por evidenciar a pluralidade das situações cotidianas formais e informais, desafiando-nos a contrapor o currículo oculto presente na falácia do ódio, do sexismo, da homofobia, do racismo e outras formas de preconceito e discriminação, propondo, assim, uma escola que critica e problematiza por meios de reivindi-

cação da vida (JUNQUEIRA, 2012).

Desse modo, acreditamos que por meio das operações realizadas na Língua Portuguesa, principalmente com atividades epilinguísticas, os sujeitos estarão envolvidos em um processo de aprendizagem que confronta o senso comum. Segundo Rezende (2008, p. 97), a atividade epilinguística “permite que textos sejam transformados em busca de uma adequação precisa a um cenário psicossociológico”, de modo que, colocando-se no lugar do outro, percebendo as relações que se estabelecem entre linguagem, texto e poder, interagindo com diferentes discursos e contextos, as atividades com a língua possibilitarão aos alunos e alunas operarem de forma consciente e solidária em outras situações comunicativas, sem preconceitos e ideias dissolvidas na hegemonia e na intolerância, fortalecendo o discurso da diversidade por meio da experiência.

2.3.2 A EXPERIÊNCIA

Vale destacar que, apesar de muitas atividades escolares que utilizam jogos como estratégia pedagógica tenderem a um objetivo lúdico, o Jogo

dos Outros não tem essa pretensão, o foco da atividade está presente na experiência que os alunos e alunas terão ao jogar. Ao não privilegiar a

ludicidade, ou seja, o prazer que os sujeitos encontram em realizar determinada atividade (LUCKESI, 2015), podemos incorrer de anular o trauma que muitas vezes o preconceito possa ter provocado em muitos alunos e alunas. Não pretendemos reforçar preconceitos, mas sim discuti-los para superá-los. Assim, ancoramos nossa prática no conceito proposto por Benjamin (1972), que vê a experiência como “o que existe de mais belo, de mais intocável e inefável, pois ela jamais estará privada de espírito de nós permanecermos jovens” (BENJAMIN, 2017, p. 21). Ao abordar a experiência como um fenômeno enriquecedor da existência e da aprendizagem dos jovens, Benjamin (1972) lança uma possibilidade para a abordagem criativa sobre a linguagem, onde as relações dos alunos e alunas são vistas como um fator facilitador do conhecimento e determinante para sua identidade, já que vivenciarão construções psicossociais plurais que os distanciarão de velhos preconceitos.

Dessa maneira, negar aos estudantes o benefício da experiência com os diferentes textos e, logo, as diferentes culturas das minorias, é subtrair as relações / interações, empobrecer as experiências e aniquilar o processo criativo, já que “cada uma de nossas experiências possui efetivamente conteúdo. Nós mesmos conferimos-lhe conteúdo a partir do nosso espírito. A pessoa irrefletida acomoda-se no erro (BENJAMIN, 1986, p. 23).

Para evidenciar e facilitar tal experiência, é que propomos o Jogo dos Outros, uma atividade sobre minorias sociais, acompanhado por uma sequência de atividades, onde os alunos e alunas terão a oportunidade de manipular a linguagem por meio de cartas, reformulando construções enunciativas que fortalecerão a possibilidade de se tornarem sujeitos críticos que produzem discursos no crivo da generosidade, da diversidade e da solidariedade.

3. GUIA DE ATIVIDADES



3.1.2 AULA INTERATIVA

Em seguida, o professor ou a professora reproduzirá aos alunos e às alunas a aula interativa disponível em mídia, encontrada no encarte deste guia didático. Em uma projeção, o professor ou professora discutirá os conceitos sobre minorias, com destaque para homossexuais, mulheres, negros e negras, moradores e moradoras do campo. Isso deve ser feito de forma clara, consciente e objetiva, preparando os alunos e alunas para experienciarem o *Jogo dos Outros*.

A atividade deve se dar com a participação de todos os alunos e alunas em forma de aula expositiva-interativa, em que o professor ou professora agirá como líder do processo.

Os alunos devem ser convidados a problematizar os conceitos firmados na hegemonia sobre as minorias sociais exploradas pelo jogo, geralmente recortados de textos presentes em livros didáticos e, em seguida, aciona-se um elemento de conflito, que busca questionar essa ideia pré-estabelecida que muitas vezes é preconceituosa. Durante as discussões, o professor ou a professora deve assumir sua posição de líder e defender as minorias sócias em prol de um discurso solidário e a favor da diversidade.

Essa aula interativa é apresentada por meio da sequência de slides, que apresentam discussões sobre as minorias sociais, acrescentando elementos de conflito, e seguem a seguinte ordem de apresentação:

a) Homossexuais: os (as) estudan-

tes observarão imagens e responderão a perguntas sobre a visão heteronormativa reproduzida pelo livro didático. Feito isso, conflita-se com imagens sobre a homossexualidade e questiona-se o porquê dessas imagens não estarem presentes nas discussões em sala de aula, mesmo que elas estejam presentes no cotidiano da maioria das pessoas.

b) Mulheres: os (as) estudantes são convidados (as), por meio de perguntas a partir de propagandas e tirinhas encontradas no livro didático, a pensar sobre o machismo presente nas relações sociais, que apresentam a mulher numa visão romântica, sexualizada ou mesmo doméstica. Na sequência, acrescentemos o elemento de conflito quando apresentamos imagens de mulheres ocupando espaços análogos àqueles que geralmente a sociedade apresenta. Por meio de perguntas, os (as) estudantes são convidados (as) a pensar nesta imposição social e no preconceito que as mulheres sofrem.

c) Negros e negras: os (as) estudantes observarão imagens que contêm frases racistas. Logo após são estimulados (as) a pensar sobre o preconceito presente nessas frases e se já as ouviram na escola ou no meio em que ele (a) vive. Após essa discussão, são apresentadas imagens de negros e negras que se destacam na sociedade brasileira. Na sequência, pergunta-se aos (às) alunos (as) se eles (as) acreditam se ainda há preconceito na sociedade onde vivem, já que apresentamos frases utilizadas

cotidianamente, mesmo com tantos exemplos de negros e negras que se destacam na sociedade.

d) Moradores e moradoras do campo: os (as) estudantes são convidados (as) a refletir sobre a visão estereotipada acerca do morador e da moradora do campo. Para tanto, apresentam-se duas imagens e pergunta-se qual delas retrata de melhor forma o (a) cidadão (ã) campestre (a). A proposta é desmitificar a visão obtida no livro didático, e apresentar o morador e a moradora do campo como um sujeito comum, sem estereótipos que os delegam o lugar de mar-

ginalização, seja na forma de vestir e comportar, seja na fala desprivilegiada. Por fim, acionamos o elemento de conflito apresentando dados sobre o (a) cidadão (ã) do campo, tais como cultura, economia e educação, para que os (as) estudantes pervertam a ordem estabelecida para a manutenção do controle social.

Espera-se que os alunos e as alunas, após o diálogo estabelecido pela aula interativa, estejam preparados para dialogar com a proposta do Jogo dos Outros e, dessa maneira, sejam capazes de assumir posturas mais solidárias.

3.2 O JOGO DOS OUTROS

É a ação coletiva que envolve todos e todas nas atividades propostas para sala de aula, tendo os alunos e alunas como participantes e o professor ou a professora como líderes, ambos fundamentais para o alcance do objetivo do jogo: estimular uma consciência solidária sobre a diversidade.

Para jogar é necessário haver pelo menos dois participantes, caso haja mais estudantes em sala de aula, eles e elas podem ser agrupados em até 6 equipes.

O jogo é composto por 1 tabuleiro; 1 dado; 6 pinos coloridos; 80 cartas; 80 coringas, sendo 20 de cada minoria; 1 guia didático; e 1 manual de regras.

3.2.1 TABULEIRO: é uma trilha impressa em material gráfico contendo casas (blocos) onde os jogadores e jogadoras posicionarão os pinos avançando e recuando conforme as regras do jogo, guiados pelo dado.

3.2.2 PINOS: são peças que representam os grupos formados pelos alunos e alunas para participarem do jogo.

3.2.3 DADO: cubo de seis faces contendo indicações numéricas de 1 a 6, que será utilizado para definir a quantidade de casas que os pinos percorrerão.

3.2.4 CARTAS: são apresentadas 80 cartas com perguntas e alternativas que os alunos e alunas deverão responder, com a condição de continuarem jogando

naquela rodada. Estas cartas possuem perguntas relacionadas à diversidade, retratando as seguintes minorias sociais: homossexuais, mulheres, negros e negras e moradores e moradoras do campo, cujas perguntas problematizam enunciados que atuam na contramão da diversidade, com frases machistas, homofóbicas ou preconceituosas, sendo que os (as) participantes do jogo deverão escolher, entre as alternativas (A, B, C e D), qual delas apresenta uma reformulação da frase tornando-a possível numa sociedade solidária e alicerçada nos princípios da diversidade. Todo este movimento de manipulação da linguagem por meio de reformulações, retomadas e modulações evidenciam o trabalho epilinguístico (CULIOLI, 1980) e criativo (FRANCHI, 2016) a que se propõe o Jogo dos Outros.

3.2.5 CORINGAS: conjunto de 80 cartas divididas em 4 blocos de acordo com as minorias retratadas no jogo. Estas cartas serão utilizadas quando os (as) jogadores (as) pararem na casa sinalizada com uma das 4 figuras que representam as minorias evidenciadas no jogo, como se vê a seguir:



a) Para representar a minoria homossexuais;



b) Para representar a minoria negros e negras;



c) Para representar a minoria mulheres;



d) Para representar a minoria moradores e moradoras do campo;

Em seguida o jogador ou a jogadora deverá escolher uma carta coringa, de acordo com a figura em que parou na trilha e que representa a minoria. As cartas coringa estarão separadas em quatro blocos, de acordo com cada minoria, sendo que as perguntas destas cartas são sempre sobre uma personalidade que representa aquela minoria. Serão dadas dicas para que o grupo tente acertar quem é a personalidade e o grupo terá três chances para responder a cada dica dada. Caso acerte na primeira dica, avançará 3 casas; acertando na segunda dica, andará 2 casas; e acertando na terceira dica, andará 1 casa. Caso não acerte, passará a vez.

3.2.6 REGRAS DO JOGO: material em forma de livreto contendo as indicações de como jogar.

3.2.7 MANUAL DO LÍDER: Contido dentro deste guia, o manual do líder ficará de posse do (a) professor (a), pois é ele (a) quem será o (a) líder do jogo, acompanhando a leitura das cartas para indicar se houve acerto ou erro. Contém todas as respostas das cartas do jogo e dos coringas.

5. REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. Tradução Celeste H. M. Ribeiro de Sousa. et al.1. - São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Obras escolhidas, 3. ed. São Paulo: Brasiliense S.A., 1987.
- _____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2017.
- BENVENISTE, Émile. **Categorias de pensamento e categorias de língua: Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1976.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Tome 1, Paris: Ophrys, 1980.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo "gramática"?** 3. ed. São Paulo: Parábola, 2016.
- FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis; VOGUÉ, Sarah de. **Linguagem e enunciação: representação referencial e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FUCKS, Catherine. **O sujeito na teoria enunciativa de Antonie Culioli: algumas referências**. Tradução de Letícia M. R. Robert. Cadernos de Estudos Linguísticos, n. 7, p. 77-85, 1984.
- GIL, Gilberto. **Ilê Ayê**. Refavela. Waner Music, 1994.
- GRAMSCI, Antônio. **Cartas do cárcere**. Galícia, Espanha: Editora Estaleiro, 1966.
- _____. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.
- IBGE, **Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça – 2008**. Rio de Janeiro: Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2011. Disponível em <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristi-cas_raciais/PCERP2008.pdf> Acesso em: ago. 2017.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar**. Revista Educação On-line PUC-Rio nº 10, p. 64-83, 2012.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ensinar, brincar e aprender**. Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista, v. 15, p. 131-136, 2015.
- MARKÓVA, Ivana. Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identities Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. cap. 1, p. 32.
- MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio**. Tradução Márcia Moraes e Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. São Paulo: Ática, 1988.
- MOSCOVICI, Serge. **Psicologia das minorias ativas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- REZENDE, Letícia Marcondes. **Atividade epilingüística e o ensino de Língua Portuguesa**. Revista Gel, São José do Rio Preto. v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.

6.2 MANUAL DO LÍDER

A) CARTAS DO JOGO

1. Dita por um homem, a frase “mulher tem de se dar o respeito” certamente não é utilizada para:

- a) Constranger a mulher.
- b) Controlar a mulher.
- c) Culpar a mulher.
- d) Respeitar a mulher.

2. Ao passar na rua, uma mulher ouviu de um homem a seguinte frase: “Que avião!”. Em qual situação, essa frase é considerada assédio.

- a) Se o homem comentou sobre um carro veloz.
- b) Se o homem falou que apontou para uma mulher.
- c) Se o homem faz um comentário após uma decolagem.
- d) Se o homem indicou para um objeto no céu.

3. A expressão “que mulherão” é machista quando

- a) Se refere à altura de uma mulher.
- b) Se refere a mulher que desempenha várias funções.
- c) Se refere a uma mulher bem-sucedida.
- d) Se refere ao corpo da mulher.

4. “Não sou preconceituoso, tenho até um amigo negro”. Qual das frases a seguir poderia substituir essa expressão de forma a corrigir o preconceito existente nela.

- a) Não sou preconceituoso, já que tenho um amigo negro.
- b) Não sou preconceituoso, meus amigos são brancos e negros.
- c) Não sou preconceituoso, pois tenho dois amigos negros.
- d) Não sou preconceituoso, pois tenho um amigo negro.

5. A expressão “pode ser gay, mas não precisa beijar em público”, revela um pensamento contraditório, porque

- a) A conjunção MAS foi utilizada erradamente.
- b) Aceita-se a homossexualidade, mas não aceita manifestações de afeto.
- c) O beijo pode ofender as pessoas e precisa ser controlado.
- d) Ser gay é contrário de trocar carinho em público.

6. Qual das informações a seguir desconstrói essa ideia de que mulher ao volante é um perigo constante?

- a) Mulheres causam menos acidentes que os homens.
- b) Mulheres cuidam da manutenção dos carros.
- c) Mulheres estacionam melhor do que os homens.
- d) Mulheres têm menos poder de concentração.

7. "Negra do cabelo ruim". A frase que melhor corrigiria o preconceito expresso por esta frase é:

- a) Negra do cabelo cacheado.
- b) Negra do cabelo alisado.
- c) Negra do cabelo crespo.
- d) Negra do cabelo enrolado.

8. A expressão "ela tem cabelo ruim", associada ao cabelo crespo e do negro, revela:

- a) Um erro, pois considera que o cabelo dos negros não é bom, por não ser liso.
- b) Um fato, já que a maioria das pessoas no Brasil são brancas e têm cabelo liso.
- c) Uma característica do cabelo de toda a população negra.
- d) Uma tendência, pois todas as pessoas desejam ter cabelos lisos.

9. A frase "Ela tem cabelo ruim" é preconceituosa quando

- a) Dita por um cabeleireiro que cometeu um erro.
- b) Indica uma característica da saúde do cabelo.
- c) Justifica o motivo do cabelo estar quebradiço.
- d) Se refere ao cabelo de uma mulher negra.

10. Ao presenciar seu filho de 5 anos brincando de casinha, o pai diz: "isso é coisa de mulherzinha". Essa expressão revela

- a) Um erro, pois o pai acredita que para homens e mulheres tem papéis diferentes.
- b) Uma maneira de educar o filho, para não se tornar homossexual.
- c) Uma orientação, pois o pai quis mostrar para o filho que é a mulher quem deve cuidar da casa.
- d) Uma verdade, pois nem tudo que os homens fazem as mulheres são capazes de fazer.

11. Em qual situação a expressão "isso é coisa de mulher" não teria um valor machista:

- a) Ao chorar assistindo um filme.
- b) Ao costurar, bordar e pintar.
- c) Ao ocupar um cargo de chefia.
- d) Ao se referir às tarefas domésticas.

12. A expressão "isso é coisa de mulher", quando dita para um menino que lava a louça, expressa:

- a) Feminismo.
- b) Homofobia.
- c) Machismo.
- d) Racismo.

13. A expressão “isso não é coisa de homem” dita por uma mãe, que presenciou seu filho brincando de boneca, expressa

- a) Um castigo.
- b) Uma brincadeira.
- c) Uma correção.
- d) **Uma intolerância.**

14. A frase “Ela é linda de rosto” é erradamente usada para se referir a mulheres negras ou obesas e revela um preconceito. Qual das expressões a seguir melhor substitui a frase “ela é linda de rosto”?

- a) Ela bonita de rosto.
- b) Ela é linda de corpo.
- c) **Ela é linda.**
- d) Ela é perfeita de rosto.

15. Se corrigíssemos o preconceito presente na expressão “Ela é uma negra bonita”, a frase melhor empregada seria.

- a) Ela é uma morena bonita.
- b) Ela é uma mulata bonita.
- c) **Ela é uma mulher bonita.**
- d) Ela uma escurinha bonita.

16. A expressão “homem não chora”, dita por um pai ao repreender seu filho, revela:

- a) Um aconselhamento.
- b) **Um ato de machismo.**
- c) Uma indignação.
- d) Uma preocupação.

17. A frase “não tenho nada contra, até tenho amigos gays” significa que:

- a) A amizade entre as pessoas não depende da sexualidade delas.
- b) Defendo meus amigos gays contra o preconceito.
- c) Sou contra ao preconceito que atinge os meus amigos.
- d) **Ter amigos não é suficiente para não ter preconceito.**

18. O que quer dizer a expressão racista “não sou tuas nêga”?

- a) **Não sou tua empregada.**
- b) Não sou tua filha.
- c) Não sou tua mãe.
- d) Não sou tua mulher.

19. Qual expressão poderia substituir a frase racista “não sou tuas nêga”?

- a) Não sou tua filha.
- b) Não sou tua mãe.
- c) Não sou tua mulher.
- d) Não sou tua posse.

20. A mãe, exigindo respeito do filho, gritou: - Fale direito comigo, porque não sou tuas nêga! Qual o racismo revelado na fala da mãe:

- a) Achar que o filho tinha várias namoradas negras.
- b) Considerar que a negra merece ser ofendida, só por ser negra.
- c) Pensar que o filho é menos importante do que ela.
- d) Ter gritado com o filho.

21. Qual das frases a seguir melhor substitui a expressão preconceituosa “serviço de preto”?

- a) Serviço de afrodescendente.
- b) Serviço de gente escura.
- c) Serviço de negro.
- d) Serviço mal feito.

22. A expressão “amanhã é dia de branco”, relacionada a um dia de trabalho, é racista se for falada por quem?

- a) Por brancos.
- b) Por índios.
- c) Por negros.
- d) Por qualquer um.

23. Por que a expressão “dia de branco”, relacionada a dia de trabalho, é racista?

- a) Porque afirma que o branco trabalha melhor do que o negro.
- b) Porque afirma que o negro não é trabalhador.
- c) Porque diz que o branco descansa enquanto o negro trabalha.
- d) Porque diz que o negro não trabalha todos os dias.

24. Em qual situação a frase “Amanhã é dia de branco!” certamente não teria um sentido preconceituoso.

- a) Numa reunião de amigos para justificar a saída de uma pessoa para casa mais cedo do que o previsto.
- b) Numa reunião, onde decidiram a cor da camisa para ser usada no dia seguinte.
- c) Um amigo se despedindo de uma amiga num domingo à noite.
- d) Uma amiga justificando para a outra que tem que ir embora, pois trabalha no outro dia.

25. Denegrir é o ato de falar mal de alguém. Esse verbo também expressa um preconceito, porque é sinônimo de

- a) Manter-se negro.
- b) Permanecer negro.
- c) Transformar-se em negro.
- d) Voltar a ser negro.

26. Por que a expressão “inveja branca” é preconceituosa?

- a) Porque afirma que o branco é invejoso.
- b) Porque afirma que o negro é invejoso.
- c) Porque relaciona que o negro é bom e o branco ruim.
- d) Porque afirma que o branco é bom e o negro é ruim.

27. Uma pessoa branca, ao se referir à uma mulher negra, com cabelo black, lábios grossos e nariz largo diz “ela possui uma beleza exótica”. Na verdade, o que essa frase quer dizer?

- a) Que a beleza da mulher negra é extraordinária.
- b) Que a mulher negra tem traços raros.
- c) Que a verdadeira beleza é a da mulher branca.
- d) Que a verdadeira beleza é a da mulher negra.

28. Ao visitar uma criança negra que acabou de nascer, cujos pais também são negros e de olhos pretos, o visitante diz: Que sorte! Puxou os olhos do avô! Essa frase é racista se:

- a) O avô possui olhos arredondados.
- b) O avô possui olhos claros.
- c) O avô possui olhos grandes.
- d) O avô possui olhos pretos.

29. Numa sociedade não racista, qual o problema com a frase “A coisa tá preta”?

- a) A palavra “tá” que deveria ser escrita “está”.
- b) A palavra coisa como sinônimo de situação financeira.
- c) A palavra preta associada à coisa ruim.
- d) Não há problema na frase.

30. Na expressão “Mercado negro”, o negro sofre preconceito por ser associado com

- a) Um mercado escuro.
- b) Um mercado ilegal.
- c) Um mercado popular.
- d) Um mercado sujo.

31. Mulato é uma palavra racista, porque

- a) Afirma que os filhos dos negros são parecidos com mulas.
- b) Afirma que os negros trabalham como mulas.
- c) Se refere aos filhos de índios e europeus como mulas.
- d) Se refere aos filhos de negros e brancos como mulas.

32. Qual o machismo presente na frase “essa vai dar trabalho pro pai”?

- a) Achar que a culpa pelo assédio é da mulher.
- b) Imaginar que as mulheres não gostam de trabalhar.
- c) Pensar que as mulheres são mais descoladas.
- d) Reprimir a mulher que luta por sua liberdade.

33. Em qual situação a expressão “essa vai me dar trabalho” certamente será machista.

- a) Se dita por alguém que fez de uma entrevista de emprego.
- b) Se dita por um pai sobre o desinteresse da filha na escola.
- c) Se dita por uma mãe sobre a beleza da filha.
- d) Se dita uma pessoa que procura emprego em um anúncio num jornal.

34. Qual informação ajuda a combater a ideia machista da frase “mulher tem que ganhar menos que o homem”?

- a) Mulheres são demitidas após licença maternidade.
- b) Mulheres possuem nível de escolaridade igual ou superior aos homens.
- c) Mulheres são minoria ocupando cargos de destaque nas empresas.
- d) Mulheres têm salário até 53% menor do que os homens.

Fonte: Catho, 06/03/2018

35. A expressão “pode ser lésbica, mas não precisa andar como homem”, se dita por um pai à sua filha revela

- a) Compaixão.
- b) Piedade.
- c) Sinceridade.
- d) Vergonha.

36. Em qual contexto a frase “Que desperdício!” é considerada preconceituosa?

- a) Um feirante lamentando as frutas que estragaram.
- b) Um pai falando com a filha sobre a comida que foi jogada fora.
- c) Uma amiga de trabalho que descobre que o colega é gay.
- d) Uma pessoa lamentando ao ver uma torneira pingando.

37. Ao falar da homossexualidade do filho, a mãe disse “ele não tem culpa por ter nascido assim”. O posicionamento da mãe revela que ela acha que a homossexualidade do filho é

- a) Um defeito.
- b) Uma característica.
- c) Uma identidade
- d) Uma moda.

38. Na expressão “Adoro gay, mas não gosto que se beijem na minha frente” a palavra “MAS” revela

- a) Uma conclusão.
- b) Uma confirmação.
- c) Uma explicação.
- d) Uma mentira.

39. Na frase “Ele é tão bonito, nem parece que é gay” há um preconceito, pois considera que

- a) Gays não podem ser bonitos.
- b) Ser gay é uma escolha pra quem não é bonito.
- c) Só héteros são bonitos.
- d) Todas afirmativas estão corretas.

40. Quem disse a seguinte frase preconceituosa?

“Não sou preconceituoso, mas não acho normal. Mulher com mulher até vejo, mas homem com homem, acho nojento”.

- a) Diego, participante do BBB 14.
- b) Jô Soares, escritor e apresentador.
- c) Marília Mendonça, cantora.
- d) MC Livinho, cantor de funk.

41. Quem disse a seguinte frase homofóbica?

“Ter filho gay é falta de porrada”

- a) Datena, apresentador de TV.
- b) Jair Bolsonaro, presidente do Brasil.
- c) Neymar, jogador de futebol.
- d) Whindersson Nunes, youtuber.

42. O Deputado Federal Marco Feliciano afirmou que “A AIDS é o câncer gay”. Qual das afirmações contrariam o pensamento preconceituoso do deputado?

- a) A AIDS surgiu a partir de um vírus chamado SIV, encontrado no sistema imunológico dos chimpanzés e do macaco-verde africano (Superinteressante).
- b) Do grupo das mulheres infectadas pelo HIV no Brasil, a maioria são casadas e têm um único parceiro (Grupo de Incentivo à Vida).
- c) Sabe-se que o HIV pode atingir a todos e todas, sem distinção de gênero, classe, raça, origem ou orientação sexual (Grupo Minha Vida)
- d) Todas as afirmativas contrariam o pensamento do deputado.

43. Quem disse a frase racista “Eu fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas”?

- a) Caetano Veloso, cantor e compositor.
- b) Clarice Lispector, escritora.
- c) **Jair Bolsonaro, presidente do Brasil.**
- d) Zumbi dos Palmares, líder negro.

44. Muitos homens dizem que “Mulher quando diz ‘não’ está só se fazendo de difícil!”. Combatendo esse machismo, complete a frase. Mulher quando diz ‘não’...

- a) **está dizendo não.**
- b) está fazendo charme.
- c) está pedindo um beijo.
- d) está querendo flores.

45. Quando a expressão “coisa de mulherzinha” NÃO tem sentido preconceituoso?

- a) Um menino que brincando com bonecas.
- b) Uma menina que brincando de comidinha.
- c) Pais que reprimindo o choro de seu filho.
- d) **Todas as alternativas são preconceituosas.**

46. A frase machista “ela estava de saia curta, pediu pra ser assediada” serve para tentar

- a) Apresentar as provas do crime.
- b) Apresentar o homem como culpado pelo crime.
- c) **Culpar a mulher pela violência sofrida.**
- d) Inocentar a mulher.

47. Qual dito popular ajuda a combater a violência contra a mulher.

- a) Cada um no seu quadrado.
- b) Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher.
- c) **Mexeu com uma, mexeu com todas.**
- d) O que acontece em Vegas, fica em Vegas.

48. Qual frase a seguir contraria a ideia de que toda mulher sonha em ser mãe?

- a) Meus filhos são a minha maior herança.
- b) Nascermos com o dom da maternidade.
- c) **No Brasil, 14% das mulheres não querem ter filhos.**
- d) Sempre brinquei de boneca.

49. Qual a famosa tela, a qual muitos acreditam ser uma pintura de um homem travestido?

- a) A noite estrelada, de Vincent van Gogh.
- b) Abaporu, de Tarsila do Amaral.
- c) Mona Lisa, de Leonardo Da Vinci.
- d) O nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli.

50. Qual país que proíbe a mulher de ser contratada para empregos que exijam levantar peso acima de 20kg?

- a) Brasil.
- b) Espanha
- c) Estado Unidos.
- d) Portugal.

51. Em qual país é preciso que o marido autorize a mulher a trabalhar?

- a) Arábia Saudita.
- b) Austrália.
- c) Etiópia.
- d) Japão.

52. Em que lugar do mundo as mulheres não têm direito à educação?

- a) Croácia.
- b) Guatemala.
- c) Iêmen.
- d) Malásia.

53. O que são mulheres girafas?

- a) Mulheres de uma tribo com pescoços alongados por argolas.
- b) Mulheres que cresceram mais que 2 metros.
- c) Mulheres que pintam seus corpos para participar de um ritual indígena.
- d) Uma forma de apelidar pessoas altas.

54. Na Rússia os homossexuais são proibidos de:

- a) Dirigir.
- b) Estudar.
- c) Manifestar-se.
- d) Votar

55. O que são pés de lótus?

- a) Mulheres que mutilam os pés na China para ficarem pequenos.
- b) Queixas japonesas que usam perfume de flores para atrair os homens.
- c) Um doce composto de flores de lótus.
- d) Uma planta exótica encontrada na Mata Atlântica.

56. A expressão “mas ela provocou” é utilizada muitas vezes para justificar o abuso sofrido pela mulher. Qual das alternativas a seguir combate essa ideia?

- a) Ela deu confiança.
- b) Ela se insinuou.
- c) Ela sofreu um abuso.
- d) Talvez ela tenha provocado.

57. Quando um homem branco diz “você nem é tão preto assim” ele acredita que ser preto é:

- a) A ascendência.
- b) A cor da pele.
- c) A etnia.
- d) A raça

58. A expressão “no campo a vida passa mais devagar” colabora para o pensamento preconceituoso de que o homem do campo é:

- a) Feliz.
- b) Ignorante.
- c) Preguiçoso.
- d) Trabalhador.

59. A expressão “da roça” demonstra um preconceito quando tem sentido de:

- a) Ignorante
- b) Natural
- c) Orgânico
- d) Procedente

60. Qual frase a seguir colabora com o pensamento preconceituoso sobre moradores do campo?

- a) A vida difícil do trabalho na roça.
- b) Essa roupa é de gente da roça.
- c) Essas verduras são da roça.
- d) Produtos fresquinhos direto da roça.

61. A expressão “é da roça” é preconceituosa se for dita em qual situação?

- a) Ao comer um queijo.
- b) Ao experimentar um café.
- c) Ao explicar de onde vem aquele sotaque.
- d) Ao reparar o comportamento de alguém.

62. Leia a seguinte manchete de uma notícia:

“Edital da PM do Paraná avalia a masculinidade de candidatos como a capacidade do indivíduo de não se impressionar com cenas violentas, não se emocionar facilmente, tampouco demonstrar interesse em histórias românticas e de amor”.

De acordo com notícia, para entrar na PM do Paraná é preciso:

- a) Ser homem.
- b) Não ser homossexual.
- c) Ser insensível.
- d) Ser heterossexual.

63. Preste atenção na seguinte letra da música da dupla sertaneja Henrique e Juliano:

“Tô a fim de você/ E se não tiver, você vai ter que ficar/ Eu vim acabar com essa sua vidinha de balada/ E dar outro gosto pra essa sua boca de ressaca/ Vai namorar comigo, sim!/ Vai por mim, igual nós dois não tem/ Se reclamar cê vai casar também...”

A música apresenta relação

- a) Amigável.
- b) Amorosa.
- c) Liberal.
- d) Violenta.

64. A banda de Axé “É o Tchan”, famosa na década de 90 e nos anos 2000, cantava:

E tudo que é perfeito a gente pega pelo braço / Joga ela pro meio, mete em cima, mete em baixo / Depois de nove meses você vê o resultado.

Nitidamente, a letra da canção narra:

- a) Uma dança.
- b) Uma festa.
- c) Uma gravidez.
- d) Uma violência.

65. Uma marchinha de carnaval diz assim:

Olha a cabeleira do Zezé

Será que ele é?/ Será que ele é?

Qual o preconceito presente nessa canção?

- a) Achar que homem de cabelo comprido é homossexual.
- b) Pensar que o homossexual tem vontade de ser mulher.
- c) Dizer que os homens de cabelos longos são transviados.
- d) Todas as alternativas são preconceituosas.

66. Em uma marchinha de carnaval ouvimos o seguinte:

**O teu cabelo não nega, mulata
Porque és mulata na cor**

O autor da canção é preconceituoso, pois considera que a mulata é identificada

- a) Pela cor
- b) Pela cor e cabelo
- c) Pelo cabelo
- d) Pelo gingado.

67. Em uma marchinha de carnaval ouvimos o seguinte:

**Mas como a cor não pega, mulata
Mulata, eu quero o teu amor**

Por que essa música é preconceituosa?

- a) Porque ele agride fisicamente a mulata.
- b) Porque ele deseja ter o amor da mulata.
- c) Porque ele diz que a cor da mulata não pega.
- d) Porque ele diz que pega a mulata.

68. Qual das alternativas a seguir descontrói a ideia de que no campo tudo é ruim?

- a) Aquele aluno é um burro!
- b) Ela é uma flor de pessoa.
- c) Ele foi usado como laranja.
- d) Vá plantar batata!

69. Qual foi o primeiro país a legalizar o casamento gay?

- a) Argentina
- b) Bélgica
- c) Canadá
- d) Holanda

70. O que era colocado nos uniformes dos homossexuais perseguidos, exilados e mortos em campos de concentração na Alemanha nazista?

- a) Um círculo com a suástica nazista.
- b) Um enorme triângulo rosa.
- c) Um faixa com desenho do arco-íris.
- d) Uma flor vermelha.

71. Como é chamada a política para inclusão da população negra na universidade pública?

- a) Bolsa Família.
- b) Cotas.
- c) ENEM.
- d) Prouni.

72. Qual o nome da Lei que protege as mulheres contra crimes no Brasil?

- a) Maria da Conceição.
- b) Maria da Penha.
- c) Maria das Graças.
- d) Maria de Jesus.

73. Qual imperador romano cujos relatos históricos mostram ter tido um relacionamento homoafetivo?

- a) Calígula.
- b) Constantino.
- c) Marco Aurélio.
- d) Nero.

74. Por qual motivo foi escolhida a data 08 de março como o Dia Internacional da Mulher?

- a) A aprovação da lei de igualdade de salário entre homens e mulheres.
- b) A primeira Conferência Mundial sobre a Mulher, ocorrida no México.
- c) A primeira eleição que permitiu o voto às mulheres na Nova Zelândia.
- d) Um incêndio criminoso numa fábrica americana que matou 129 operárias.

75. A expressão “Jeca Tatu” é erradamente utilizada para caracterizar uma pessoa desengonçada, atrasada, lenta, entre outras. Na verdade, o que é Jeca Tatu?

- a) Um ator.
- b) Um personagem.
- c) Um pintor.
- d) Um poeta.

76. Qual desses filmes retratam histórias feministas?

- a) Cinderela.
- b) Crepúsculo.
- c) O amor é cego.
- d) O sorriso de Mona Lisa.

77. Qual desses filmes retratou o homem do campo como um ignorante?

- a) A colheita maldita.
- b) A culpa é das estrelas.
- c) A Família Buscapé.
- d) Tomates, verdes, fritos.

78. Em qual situação a palavra “matuto”, se referindo ao homem do campo, expressa um preconceito?

- a) Quando tem sentido de desconfiado.
- b) Quando tem sentido de ignorante.
- c) Quando tem sentido de retraído.
- d) Quando tem sentido de tímido.

79. Qual festa popular apresenta uma visão preconceituosa sobre o homem do campo?

- a) Carnaval.
- b) Congada.
- c) Festa de peão.
- d) Festa Junina.

80. O primeiro personagem gay na história do cinema apareceu em um filme americano, chamado Fireworks. Em que ano foi lançado este filme?

- a) 1927.
- b) 1947.
- c) 1987.
- d) 2007.

B) CORINGA

HOMOSSEXUAIS

1. Quem sou eu?

- a) Sou um famoso pintor.
- b) Minha tela mais conhecida é a Mona Lisa.
- c) Tenho dois filmes conhecidos que levam o meu nome.

Resposta: **Leonardo Da Vinci.**

2. Quem sou eu?

- a) Já posei nua.
- b) Minha mãe é a Gretchen.
- c) Hoje sou um homem trans.

Resposta: **Thammy Miranda.**

3. Quem sou eu?

- a) Somos irmãs gêmeas.
- b) Somos cantoras.
- c) Participamos do programa A Fazenda.

Resposta: **Pepê e Neném.**

4. Quem sou eu?

- a) Sou um deputado federal.
- b) Sou ex-participante do Big Brother Brasil.
- c) Defendo a comunidade gay na câmara.

Resposta: **Jean Wyllys.**

5. Quem sou eu?

- a) Sou cantora de axé.
- b) Meus maiores sucessos são "O canto da cidade" e "Pérola Negra".
- c) Meu sobrenome é parecido com um remédio.

Resposta: **Daniela Mercury.**

6. Quem sou eu?

- a) Sou apresentadora de jornal esportivo.
- b) Em 2018, fiz a cobertura da Copa do Mundo.
- c) Meu sobrenome é um adjetivo sinônimo de amável.

Resposta: **Fernanda Gentil.**

7. Quem sou eu?

- a) Sou um cantor latino.
- b) Sou um galã entre o público masculino e feminino.
- c) Um dos meus maiores sucessos é "Livin'la Vida Loca" e "Maria".

Resposta: **Ricky Martin.**

8. Quem sou eu?

- a) Sou um famoso comediante.
- b) Me casei em 2015 com Thales Bretas.
- c) Minha mãe é uma peça.

Resposta: Paulo Gustavo.

9. Quem sou eu?

- a) Canto o amor e suas dores em minhas canções.
- b) Namoro com a atriz Letícia Lima.
- c) Entre meus sucessos estão "Quem de nós dois" e "Garganta".

Resposta: Ana Carolina.

10. Quem sou eu?

- a) Fui vereadora no Rio de Janeiro.
- b) Lutei a favor das mulheres e dos direitos das minorias.
- c) Fui assassinada em 2018.

Resposta: Marielle Franco.

11. Quem sou eu?

- a) Sou um cantor capixaba.
- b) Comigo, sempre "Fica tudo bem".
- c) Já fiz parcerias com Anita e Marisa Monte .

Resposta: Silva.

12. Quem sou eu?

- a) Sou uma drag queen.
- b) Fui considerada a revelação musical em 2018.
- c) K.O é meu maior sucesso.

Resposta: Pablllo Vittar.

13. Quem sou eu?

- a) Fui a primeira transexual famosa no Brasil.
- b) Fui modelo internacional.
- c) Meu primeiro nome é Roberta.

Resposta: Roberta Close.

14. Quem sou eu?

- a) Sou uma pintora mexicana.
- b) Nunca neguei minha bissexualidade.
- c) Minha sobrancelha chama muita atenção.

Resposta: Frida Kahlo.

15. Quem sou eu?

- a) Sou uma cantora nova-iorquina.
- b) Sou ativista da causa LGBT.
- c) Além dos meus sucessos musicais também sou atriz e protagonizei recentemente o filme "Nasce uma estrela".

Resposta: Lady Gaga.

16. Quem sou eu?

- a) Sou um antigo personagem da Praça é Nossa.
- b) Meu bordão era um grito de Eeeeeeeepa.
- c) Meu segundo nome é a estação mais quente do ano.

Resposta: Vera Verão.

17. Quem sou eu?

- a) Fui rei da Macedônia, na Grécia Antiga.
- b) Há registros de que me envolvi com outros homens.
- c) Não sou pequeno.

Resposta: Alexandre, o Grande.

18. Quem sou eu?

- a) Sou uma cantora paulista.
- b) Me casei com Lua Lessa em 2013.
- c) Já fiz parcerias com Caetano Veloso e Tiag Iorc.

Resposta: Maria Gadu.

19. Quem sou eu?

- a) Sou uma modelo brasileira transgênero.
- b) Fui a primeira modelo trans a estrelar uma campanha de lingerie.
- c) Meu segundo nome é T.

Resposta: Lea T.

20. Quem sou eu?

- a) Sou um cantor performático da MPB.
- b) Já me relacionei com Cazuzu.
- c) Meu segundo nome é um estado brasileiro.

Resposta: Ney Matogrosso.

MORADORES E MORADORAS DO CAMPO

1. Quem sou eu?

- a) Sou um personagem de uma história em quadrinhos.
- b) Meu criador é Maurício de Sousa.
- c) Sou da Turma da Mônica.

Resposta: Chico Bento.

2. Quem sou eu?

- a) Sou um famoso jogador de futebol.
- b) Nasci no interior da Bahia, onde ajudava meus pais na plantação de melão e cebola.
- c) Sou lateral-direito no Paris Saint-Germain.

Resposta: Daniel Alves.

3. Quem sou eu?

- a) Sou avó de duas crianças muito espertas.
- b) Faço gostosos bolinhos de chuva.
- c) Uma boneca de pano mora em meu sítio

Resposta: Dona Benta.

4. Quem sou eu?

- a) Estudo na Escolinha do Professor Raimundo.
- b) Reforço o estereótipo do caipira.
- c) Nasci na Capitinga.

Resposta: Nerson da Capitinga.

5. Quem sou eu?

- a) Sou um modelo internacional.
- b) Nasci no interior do Rio Grande do Sul, na cidadezinha de Horizontina.
- c) Atualmente estou aposentada.

Resposta: Gisele Bündchen.

6. Quem sou eu?

- a) Sou um cantor sertanejo.
- b) Nasci no interior de Minas Gerais.
- c) Uma coisa é certa: foi bonito, foi.

Resposta: Gustavo Lima.

7. Quem sou eu?

- a) Adoro pular poças de lama.
- b) Moro com meu irmão George.
- c) Sou uma porquinha rosa.

Resposta: Peppa Pig.

8. Quem sou eu?

- a) Sou azul.
- b) Geralmente ponho ovos.
- c) Tenho pintas por todo o meu corpo.

Respostas: Galinha Pintadinha.

9. Quem sou eu?

- a) Sou o rei do cangaço.
- b) Posso ser um aparelho de iluminação.
- c) Sou casado com Maria Bonita.

Resposta: Lampião.

10. Quem sou eu?

- a) Meu livro mais conhecido é Grande Sertão: veredas
- b) Sou reconhecido por retratar a vida do sertanejo.
- c) Meu sobrenome é o nome de uma flor.

Resposta: Guimarães Rosa.

11. Quem sou eu?

- a) Estou nas histórias de Monteiro Lobato, sobre o trabalhador rural.
- b) Meu segundo nome é o de um animal.
- c) Sou sinônimo de simplicidade e estereótipo do caipira.

Resposta: Jeca Tatu.

12. Quem sou eu?

- a) Sou um autor que retratou a precariedade da vida no campo,
- b) Escrevi livros como Vidas Secas e São Bernardo.
- c) Meu sobrenome é Ramos.

Resposta: Graciliano Ramos.

13. Quem sou eu?

- a) Sou um personagem criado por Ariano Suassuna.
- b) Estou em O Auto da Compadecida.
- c) Meu parceiro é o João Grilo.

Resposta: Chicó

14. Quem sou eu?

- a) Sou o rei do baião.
- b) Nasci no interior de Pernambuco.
- c) Meu maior sucesso é Asa Branca.

Resposta: Luiz Gonzaga.

15. Quem sou eu?

- a) Estou no Sítio do Pica Pau Amarelo.
- b) Sou o mais sábio de todos, pois li os livros de Dona Benta.
- c) Pedrinho sempre me escolhe para as aventuras mais perigosas, pois sou "consertável".

Resposta: Visconde de Sabugosa.

16. Quem sou eu?

- a) Sou de uma família de fazendeiros do interior de São Paulo.
- b) Sou uma pintora modernista do Brasil.
- c) Minha obra mais conhecida é o Abaporu.

Resposta: Tarsila do Amaral.

17. Quem sou eu?

- a) Nasci em Itabira, interior de Minas Gerais.
- b) Sou um poeta moderno.
- c) Quadrilha, E agora, José? e O elefante são famosos poemas de minha autoria.

Resposta: Carlos Drummond de Andrade.

18. Quem sou eu?

- a) Meu chapéu é minha marca.
- b) Faço parte de uma dupla sertaneja, mas também sou empresário.
- c) Meu nome é uma homenagem à cidade onde fui criado.

Resposta: Sorocaba.

19. Quem sou eu?

- a) Fui um menino pobre criado em uma fazenda em São José do Rio Preto, interior de São Paulo.
- b) Você pode se divertir no lugar que inventei.
- c) Sempre me imaginam de chapéu, chicote e montado em um cavalo.

Resposta: Beto Carreiro.

20. Quem sou eu?

- a) Sou nascida no Maranhão.
- b) Posso também te dar dicas de moda.
- c) Sou um fenômeno no Snapchat.

Resposta: Thaynara OG.

NEGROS E NEGRAS

1. Quem sou eu?

- a) Fui um escravo guerreiro.
- b) Fui o último líder do meu quilombo.
- c) Meu primeiro nome é igual ao de uma criatura de terror.

Resposta: Zumbi dos Palmares.

2. Quem sou eu?

- a) Fui o fundador da Academia Brasileira de Letras.
- b) Sou considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira.
- c) Carrego o nome de um instrumento de carpintaria.

Resposta: Machado de Assis.

3. Quem sou eu?

- a) Liderei a maior potência econômica do mundo.
- b) Minha esposa se chama Michele.
- c) No meu país, fui o primeiro presidente negro.

Resposta: Barack Obama.

4. Quem sou eu?

- a) Fui um pastor e ativista americano.
- b) Fui assassinado em 1968.
- c) Rei, em inglês, faz parte do meu sobrenome.

Resposta: Martin Luther King.

5. Quem sou eu?

- a) Sou sul africano.
- b) Após minha prisão, fui presidente da África do sul.
- c) Fui responsável pelo fim do apartheid.

Resposta: Nelson Mandela

6. Quem sou eu?

- a) Meu nome verdadeiro é Francisco Antônio de Lisboa.
- b) Sou um importante escultor e arquiteto brasileiro.
- c) Esculpia com as mãos amarradas em minhas ferramentas, devido a um problema físico.

Resposta: Aleijadinho.

7. Quem sou eu?

- a) Sou um personagem da Marvel.
- b) Um filme em 2018 retratou a minha vida
- c) Também posso ser um felino.

Resposta: Pantera Negra.

8. Quem sou eu?

- a) Sou uma princesa.
- b) Estrelo um filme da Disney.
- c) Estou no filme A princesa e o sapo.

Resposta: Tiana.

9. Quem sou eu?

- a) Sou a primeira atriz negra a protagonizar uma novela na Rede Globo.
- b) Em 2017, sofri ataques racistas na internet.
- c) Sou casada com o ator Lázaro Ramos.

Resposta: Taís Araújo.

10. Quem sou eu?

- a) Fui uma escrava alforriada que viveu em Minas Gerais.
- b) Meu marido era um rico contratador, com quem tive 13 filhos.
- c) Uma novela e um filme já contaram a minha história.

Resposta: Chica da Silva.

11. Quem sou eu?

- a) Sou um cantor e guitarrista jamaicano.
- b) Levei o movimento rastafári para o mundo através de suas músicas.
- c) Canto os problemas do povo africano.

Resposta: Bob Marley.

12. Quem sou eu?

- a) Sou uma personagem da Marvel.
- b) Faço parte dos X-Men.
- c) Também sou um fenômeno da natureza.

Resposta: Tempestade.

13. Quem sou eu?

- a) Cantamos a cultura black e da favela.
- b) Somos um grupo de funk.
- c) Nosso segundo nome está no diminutivo.

Resposta: Dreamteam do Passinho.

14. Quem sou eu?

- a) Escrevi minhas primeiras poesias aos 17 anos.
- b) Sou conhecido como o poeta dos escravos.
- c) Navio Negreiro e Vozes d'África são de minha autoria.

Resposta: Castro Alves.

15. Quem sou eu?

- a) Faço parte da realiza.
- b) Assinei uma importante lei no Brasil.
- c) Sou uma princesa.

Resposta: Princesa Isabel.

16. Quem sou eu?

- a) Emília vive me perturbando.
- b) Conheço muitas histórias do folclore brasileiro.
- c) Faço deliciosos quitutes.

Resposta: Tia Nastácia.

17. Quem sou eu?

- a) Comecei minha carreira em disputas de rapper.
- b) Fiz parcerias com Ivete Sangalo e Mano Brown
- c) Meu nome carrega minha identidade e minha crítica.

Resposta: Criolo (rapper).

18. Quem sou eu?

- a) Sou um dos novos símbolos do empoderamento feminino na MPB
- b) Meu cabelo rosa já fez muito sucesso.
- c) Se é pra tombar, tombei.

Resposta: Karol Conka.

19. Quem sou eu?

- a) Sou a filha querida do chefe de uma tribo.
- b) Naveguei em busca de salvar meu povo.
- c) Sou uma animação da Disney.

Resposta: Moana.

20. Quem sou eu?

- a) Sou um cantor baiano do movimento tropicalista.
- b) Já fui ministro da cultura.
- c) Sou pai da Preta e da Bela.

Resposta: Gilberto Gil.

MULHERES

1. Quem sou eu?

- a) Sou uma escritora brasileira.
- b) Escrevi os poemas "Retrato" e "As borboletas".
- c) Drummond disse que sou uma "mulher, bela e poeta. Mas principalmente deusa".

Resposta: Cecília Meireles.

2. Quem sou eu?

- a) Possuo jóias, ouro e outras riquezas.
- b) Morri envenenada e não por uma mordida de cobra, como muitos acreditam.
- c) Fui rainha do Egito.

Resposta: Cleópatra.

3. Quem sou eu?

- a) Sou uma homo sapiens com mais de 12.500 anos.
- b) Um incêndio me atingiu em 2018.
- c) Sou o fóssil humano mais antigo das Américas.

Resposta: Luzia.

4. Quem sou eu?

- a) Sou uma heroína francesa e santa católica.
- b) Lutei na Guerra dos Cem Anos.
- c) Morri queimada viva.

Resposta: Joana d'Arc.

5. Quem sou eu?

- a) Fui imperatriz do Brasil, mãe de Dom Pedro.
- b) Odiava o Brasil.
- c) Tive muitos amantes, entre eles alguns escravos.

Resposta: Carlota Joaquina.

6. Quem sou eu?

- a) Sou uma das primeiras cantoras e atrizes brasileiras a se destacar no exterior.
- b) Meu grande sucesso é "o que que a baiana tem?"
- c) Muitas frutas enfeitam minha cabeça.

Resposta: Carmen Miranda.

7. Quem sou eu?

- a) Me envolvi com a caridade.
- b) Já fui chama de Santa das Sarjetas.
- c) Sou uma freira canonizada em 2016 pelo Vaticano.

Resposta: Madre Tereza de Calcutá.

8. Quem sou eu?

- a) Sou uma adolescente ativista pelos direitos humanos, principalmente das mulheres.
- b) Nasci no Paquistão, onde sofri um atentado num ônibus escolar.
- c) Pela minha luta, sou a pessoa mais jovem a ganhar o Prêmio Nobel da Paz.

Resposta: Malala Yousafzai

9. Quem sou eu?

- a) Canto o empoderamento feminino em minhas músicas e apoio o movimento LGBT.
- b) Sou americana e lancei um estilo de dança chamado stiletto.
- c) Tenho uma filha chamada Blue Ivy e sou casada com o rapper Jay Z.

Resposta: Beyoncé.

10. Quem sou eu?

- a) Canto o empoderamento feminino.
- b) Apresento o programa "Música Boa".
- c) Comigo o bonde é pesadão.

Resposta: Iza.

11. Quem sou eu?

- a) Fui a primeira atriz da América Latina a ser indicada ao Oscar de melhor atriz.
- b) Ganhei o prêmio Emmy de melhor atriz pela minha atuação na série Doce de Mãe.
- c) Minha filha também é atriz.

Resposta: Fernanda Montenegro.

12. Quem sou eu?

- a) Canto a liberdade e a igualdade entre os gêneros.
- b) Dizem que sou venenosa.
- c) Sempre usei cabelos vermelhos.

Resposta: Rita Lee.

13. Quem sou eu?

- a) Apenas de ser argentina, os brasileiros, principalmente as crianças, me conhecem.
- b) Sou uma menina feminista e extremamente inteligente.
- c) Você pode me encontrar em muitos livros didáticos.

Resposta: Mafalda.

14. Quem sou eu?

- a) Posso correr e saltar ao som de brasileiro.
- b) Tenho dois movimentos na ginástica artística que levam meu nome.
- c) Sou campeã mundial no solo.

Resposta: Daiane dos Santos.

15. Quem sou eu?

- a) Nasci no interior de Alagoas.
- b) Bato um bolão.
- c) Sou a maior recordista, entre homens e mulheres, no Prêmio Melhor do Mundo no esporte que pratico, vencendo por 6 vezes.

Resposta: Marta.

16. Quem sou eu?

- a) Fui perseguida e tortura pela ditadura militar.
- b) Exerci o cargo mais alto do país.
- c) Sofri impeachment em 2016.

Resposta: Dilma Rousseff.

17. Quem sou eu?

- a) Sou o ícone do poder feminino e da igualdade de gênero.
- b) Meu nome verdadeiro é Diana.
- c) Uso braceletes e chicote.

Resposta: Mulher Maravilha.

18. Quem sou eu?

- a) Sou um personagem mitológico.
- b) Meu feitiço te transforma em pedra.
- c) Meus cabelos são de cobra.

Resposta: Medusa.

19. Quem sou eu?

- a) Fui espancada e sofri dois atentados de morte pelo meu marido.
- b) Coordeno uma ONG que auxilia mulheres vítimas de violência.
- c) Uma lei leva meu nome.

Resposta: Maria da Penha.

20. Quem sou eu?

- a) Fui uma compositora, pianista e maestrina brasileira.
- b) Meu maior sucesso é a música "Ô abre alas"
- c) Meu primeiro nome está no diminutivo.

Resposta: Chiquinha Gonzaga.

